

Artigo

Entre folhas, flores, espinhos e cores, uma pesquisa no parque gaia amiga

Bianca Santos Chisté^{1,*}, Catiane Monteiro Pacheco Souza²

¹ Mestre em Ensino de Ciência da Natureza, Universidade Federal de Rondônia, *Campus* Rolim de Moura, Avenida Norte Sul, Bairro Nova Morada, nº 7300, Rolim de Moura-RO, 0000-0002-8246-5770, josianemoderna35@gmail.com

² Doutora em Educação Matemática, Universidade Federal de Rondônia, *Campus* Rolim de Moura, Avenida Norte Sul, Bairro Nova Morada, nº 7300, Rolim de Moura-RO, 0000-0002-1962-0256, bianca@unir.br

*Autor Correspondente: bianca@unir.br

Abstract: This article proposes to foster discussions resulting from research that was designed in a Park in the city of Rolim de Moura - Rondônia, this text has as its main objective: understand the relationships that teachers establish with the Gaia Amiga Ecological Space; reflect on what paths research with teachers in a non-school space presents us with; investigate how teachers are constituted in this space; The study problematizations that resulted in the dissertation and this article are: what relationships do the teachers who attend the Gaia space establish with this environment? What happens when teachers attend the Gaia space? What can a survey with teachers in a space outside the school do? How are teachers constituted in this space? To guide the discussions, we rely on Bachelard (1993), Deleuze (1995), Larrosa (2004), Corazza (2012) among others. And so, the paths were widening and, through the cartographic methodology, it made possible research that was carried out while entering the researched universe and here we propose to present some of these results as: nuances of a survey of teachers on Gaia; strategy to achieve goals through email exchange; how the researcher was dealing with the unforeseen events that appeared during the research; how cartography made this adventure possible in a powerful way.

Keywords: Gaia Amiga; Teachers; Cartographic research.

Resumo: O presente artigo propõem fomentar discussões resultantes de uma pesquisa que se desenhou em um Parque na cidade de Rolim de Moura - Rondônia, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza. Essa tessitura traz como objetivos: compreender quais as relações que professores estabelecem com o Espaço Ecológico Gaia Amiga; refletir sobre quais caminhos a pesquisa com professores em um espaço não escolar, nos apresentam; investigar como professores se constituem neste espaço; As problematizações de estudo que resultou na dissertação e nesse artigo são: quais relações os professores que frequentam o espaço Gaia estabelecem com esse ambiente? O que acontece quando professores frequentam o espaço Gaia? O que pode uma pesquisa com professores em um espaço fora da escola? Como professores se constituem nesse espaço? Para nortear as discussões nos amparamos em Bachelard (1993), Deleuze e Guattari (1995), Larrosa (2004), Corazza (2004) entre outros. E assim, os caminhos foram se alargando e por meio da metodologia cartográfica possibilitou uma pesquisa que foi se fazendo enquanto adentrava o universo pesquisado e aqui propomos apresentar alguns desses resultados como: nuances de uma pesquisa com professores no Gaia; estratégia para alcançar os objetivos por meio de troca de e-mail; como a pesquisadora foi lidando com os imprevisto que apareceram no decorrer da pesquisa; como a cartografia possibilitou essa aventura de forma potente.

Palavras-chave: Gaia Amiga; Professores; Pesquisa cartográfica.

Citation: Chisté, B.S.; Souza, C.M.P.;

Last-name, F. Entre folhas, flores, espinhos e cores, uma pesquisa no parque gaia amiga. *RBCA* 2025, 14, 3.

p.71-81

<https://doi.org/10.47209/2317-5729.v.14.n.3.8809>

Editor de Seção: Kellyson Souza

Recebido: 10/08/2025

Aceito: 16/12/2025

Publicado: 28/02/2026

Nota do editor: A RBCA permanece neutra em relação às reivindicações judiciais em sites publicados e afiliadas institucionais.



Copyright: © 2025 pelos autores. Enviado para possível publicação em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY) (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

1. Um começo...

A escrita desse artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado¹ e seus atravessamentos. A pesquisa se desenhou no parque ecológico da cidade de Rolim de Moura, RO, denominado Gaia Amiga. Assim, aqui abem-se os portões do Gaia para dar início a aventura de fazer e pensar a pesquisa. E esse abrir de portões implica em criar expectativas e uma certa ansiedade pelas surpresas e segredos que a jornada esconde por linhas e fissuras que vão se formando no processo de pesquisar, pensar e escrever.

Assim pesquisa desenhou-se a partir das seguintes inquietações: que relações os professores que frequentam o espaço Gaia estabelecem com o lugar? O que acontece quando professores frequentam o espaço Gaia? O que pode uma pesquisa com professores em um espaço fora da escola? Como professores se constituem nesse espaço?

O espaço ecológico Gaia Amiga é espaço de socializações, vivências e experiências, lugar propício a fomentação de ideias e discussões. Talvez esteja intrínseca a vontade de evidenciar os atravessamentos que perpassam o Gaia, a pesquisa, os professores e os demais habitantes do espaço Gaia.

Guiadas pelo modo cartográfico de pensar a pesquisa, buscamos atender ao seguinte objetivo: Investigar o que acontece quando professores frequentam o Espaço Ecológico Gaia Amiga; Desse modo, os caminhos foram se alargando e trazendo possibilidade de tentar na especificidade: compreender quais as relações que professores estabelecem com o Espaço Ecológico Gaia Amiga; refletir sobre quais caminhos a pesquisa com professores em um espaço não escolar, nos apresentam; investigar como professores se constituem neste espaço;

Com os objetivos definidos começou uma busca pelo método, qual método seria o mais potente para produzir os resultados esperados. Depois de várias leituras e incertezas, chega-se ao consenso de que a abordagem que mais nos apraz seria um caminhar com a cartografia. Pois uma das características da cartografia é justamente deixar fluir com o fluxo de informações de ideias e de tudo que se apresenta durante a trajetória que chamamos de pesquisa.

A partir desse momento adentraremos o portão do Gaia para juntar todos os elementos que possa colaborar nessa trajetória que é pesquisar, pensar, ouvir, escutar, ler, escrever, refletir e até mesmo habitar, tentar entrelaçar e permear e...

2. Pedras que o vento segura: questões metodológicas

Esta é uma composição de escrita que se lança ao desconhecido mundo pesquisado, mundo/lugar Gaia. Lugar de se perder e de se encontrar lugar de encantamentos e viagens para além da curiosidade. Lugar para experimentar o tempo e a vida e pesquisa de modos e meios singulares.

Contudo, essa pesquisa cartográfica propõem uma escrita desobediente e irreverente que não pretende ser enformada ou formatada. Essa escrita não tem intenção de pregar um modo ou jeito certo ou errado de fazer pesquisa. Mas sim um jeito próprio que tenta escapar de qualquer amarração de qualquer limitação por meio da metodologia.

Porém, essa será uma tentativa em fazer uma escrita brincalhona com entrelaçamentos e elementos poéticos que talvez traga um frescor ao leitor que busca leveza na leitura e na vida. Uma escrita que escorre e vai se formando com os pensamentos do escritor e do leitor que busca meios e fissuras para uma expressão da existência de si e do mundo.

Para essa conversa convido alguns autores, e o primeiro convidado é Bachelard com sua obra “a poética do espaço” que de certo modo corrobora a intenção de pesquisa e escrita sobre o espaço, poesia, vida, pensamentos, imagens, Ciências e Filosofia etc., um convite ao devaneio um lançar-se para “[...] filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade [...]” (Bachelard, 1993, p.2).

¹ Este artigo é fruto da dissertação de mestrado intitulada Uma pesquisa “Gaia amiga”: entre folhas, flores, espelhos e cores”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza, Disponível em <https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=rm&ogbl#inbox/KtbxLvqgwzjBfMfKjJKfnQxMXkwSmjGsIDB?projector=1&messagePartId=0.2> Acesso em: 07/08/2025.

Após esse “aperitivo” de escrita, dispara-se algumas perguntas: O que é o Gaia? O porquê de estar no Gaia? O que estar lá provoca? Quais movimentos acontecem ao permitir-se envolver-se? Como fazer uma pesquisa/escrita borboletante? Porém, aqui nesse espaço propõem-se um pensamento movente que se coloca a movimentar todos os sentidos, um espaço para dialogar com o leitor a fim de localiza-lo no campo e lugar que essa pesquisa se inventou.

Esse lugar é conhecido como Gaia que carrega em seu nome outras formalidades que proponho apresentar aqui. O Gaia é um espaço ecológico que tem o nome de Gaia Amiga que é uma homenagem a mãe terra. (E.E.G.A - Espaço Ecológico Gaia Amiga que por motivos poéticos da escrita ele será pouco utilizado).

Gaia é um espaço que preza pela preservação do meio ambiente e cuidado com as plantas, flores e águas e todos os seres que o compõem e que faz dele um lugar de cheiros, cores, sabores, sons, ecos, silêncios, imagens, vibrações, sensações e experiências...

O espaço Gaia é um delírio para os amantes de poesia e para os seres que já romperam com a “caixa” para os que já se perderam e já se reencontraram e para os que ainda buscam o caminho de si. Lugar propício para uma respiração profunda lugar de buscar o poeta adormecido e trazê-lo a vida e trazer para fora a criança vibrante que só quer brincar de escrever e fazer pesquisa.

Como define Barros (2010, p.153) “[...] poesia é loucura das palavras, é delírio verbal [...]” talvez possa dizer que a respiração é amiga da poesia. Ela é o vendaval vital dos pulmões. E o poeta é aquele que, na sua coexistência abre espaço para a arte do ensinar e aprender. Aprendizado é poesia de veludo, que ao mesmo tempo, acaricia os dedos de quem a segura. E quem aprende sente prazer tamanho que, por ser poeta, precisa criar caminhos para que mais seres gozem dessa experiência.

Estar no Gaia talvez seja uma forma de poesia e arte, lugar de expressão dos pássaros, formigas, cigarras, borboletas, flores, plantas, gente grande, gente pequena e águas. Lugar por onde as miudezas se complementam, “[...] provavelmente aí esteja a esperança e o alegre desassossego que impulsionam o sujeito-artista à criação. O vislumbre pelo porvir conforta a alma e estimula o corpo” (Gatti, 2011, p.4).

Ainda respirando e transpirando poesia pelo Gaia lugar, parece que as pedras também conversam com a poesia que habita o poeta. Contudo a poesia não derruba muros e nem cria problemas tão pouco prega verdades, nem tem pretensão a nomeação, é só uma tentativa de atravessar o impossível por dentro, como afirma Barros (2010, p.7) a “poesia é a infância da língua” é deleite do escritor, também é o labirinto do devaneio é um visceral estado de epifania.

Para o escritor que se escorrega por meio da metodologia em busca de poesia, o estar no Gaia pode abrir fissuras por onde se experimenta o novo e “o sujeito-artista nada tem além de seu corpo e as ações deste oriundas, de tal sorte que a criação artística contemporânea irradia-se de um movimento concêntrico para um excêntrico” (Gatti, 2011, p.5). Um movimento constante de devires e o experimentar pulsante como as águas do oceano que lambe as areias.

3. Contratempos de pesquisa

No princípio quando a pesquisa ainda era só um ensaio em processo de amadurecimento de planos e ideias tudo parecia arrumado, mas foi só começar a movimentar para perceber que era um completo rizoma. Tudo estava pensado para dar “certo” a pesquisadora pretendia frequentar o Gaia semanalmente a fim de produzir dados e fragmentos de falas para uso posterior na escrita e todo esse movimento poderia proporcionar reflexões durante a pesquisa e assim visualizar as potências vivenciadas pelos professores.

Porém, dentro de toda essa arrumação, não contávamos com as nuances que poderia surgir no caminho. A partir desse ponto tenta seguir todo um roteiro de pesquisa, adotando assim uma metodologia a fim de cumprir as metas e etapas proposta para o desenvolvimento da pesquisa. Faria parte da pesquisa o ouvir os professores que estivessem dispostos a colaborar com a pesquisa os professores seriam escolhidos durante o caminhar da pesquisa e para essa interação seria elaborado um roteiro de perguntas a fim de responder as inquietudes da pesquisadora.

Assim, a pesquisa se colocaria na escuta para ouvir professores, crianças, pais, pássaros, água, e toda manifestação de gestos, cores, cheiros, e sabores e até de poesia que poderia acontecer pelo gesto de apontar os sentidos para perceber os movimentos que aconteceria por lá. Mas como ouvi-los sem poder ter contato? Junto com a pandemia (covid-19) vem o distanciamento social. E como o distanciamento social pode influenciar no trajeto e no resultado da pesquisa? Aqui a pesquisa desafia e também cria novos caminhos de possibilidades. Como entender que os caminhos não estão prontos? Como criar os próprios caminhos? Como seguir os caminhos que a pesqui-

sa/vida vai indicando? Como uma pesquisa pode se tornar ainda mais potente depois das mudanças?

Desse modo, a pesquisa foi se fazendo e buscando elementos por meio da cartografia que de certa maneira permite criar roteiros e propostas outras, uma “[...] cartografia como perspectiva processual de investigação” (Oliveira; Mossi, 2014, p.3), uma investigação que brota do inesperado, e vai se desenhando durante a sua feitura.

A cartografia sugere possibilidades de desenvolvimento de pesquisa em educação uma pesquisa que não tenha o rigor de uma formatação, pois, ela vai se delineando conforme a pesquisadora adentra o campo de sua pesquisa. Nesse trabalho rizomático o campo da pesquisa é esse lugar, lugar habitat, lugar educação, lugar tempo que “parece-nos ser preciso irrigar a pesquisa em educação com virtualidades desconhecidas, para que o já conhecido não vire uma camisa de força, para criar muitos modos de pesquisar em educação, os mais diversos, variados, desconectados e até disparatados” (Oliveira; Paraíso, 2012, p.3).

É nesse campo de investigação cartográfica que as modificações acontecem e a pesquisa nos sugere uma metamorfose de vida de mundo. Um trabalho que se propõem um desprender do caminho “certo” do caminho seguro e conhecido e se lançar as novas e infinitas possibilidades, pois, “é no trabalho sobre as linhas, no qual estão em jogo as metamorfoses da vida, que a cartografia se faz” (Oliveira; Paraíso, 2012, p.1).

Com as mudanças acontecendo, instala-se a quarentena impossibilitando as visitas ao Gaia. E esse contrassenso rompem-se com os planos, porém, abrem-se outras tantas possibilidades. Novos caminhos se inauguram, e se apresentam como novas possibilidades do que se é.

Nesse irromper, germina-se a ideia de carta/e-mail para os professores. E inicia todo um processo de pensar como esses e-mails poderiam ser disparados. E como criar potencia por meio deles? Os e-mails estavam carregando a semente da novidade uma tentativa de resposta a pesquisa, que era saber como professores se sentem pertencentes ao Gaia e como estar lá potencializa as experiências para além do ser professor.

4. A água fez uma rachadura e passa no meio dela...

A composição dessa pesquisa foi se desenhando a partir de vivências de professores que coabitavam o espaço Gaia. Esse relacionar entre professores e Gaia abre fissuras por onde a arte do ensinar e aprender se expressam e se transformam e se transportam para lugar educação, lugar de Ciências da natureza, lugar de vida e expressão de ser e de mundo.

Para evidenciar como os professores da pesquisa se sentiam e se sentiram pertencentes ao Gaia, trazemos nesse contexto as escritas elaboradas por eles. E nessa intenção de tessitura convidamos também alguns autores para compor junto conosco. Lançamos a pergunta: como os professores veem a educação presente no Gaia? E de que modos essa educação pode ser cultivada para dar mais vida e potência aos labirintados? Como o espaço Gaia é vivido por professores para além da sala de aula?

Disposição e intenção ou tentativa de responder, cada professor se colocou nesse lugar de perceber e observar os sentidos e os atravessamentos que os tomam ao estar no Gaia. Que devires surgem? Que momentos as vivências no Gaia se potencializam as experiências? “Gaia um lugar de paz, local onde chego e me sinto bem, sinto cheiro da natureza, gosto de ver a água caindo sobre as rochas” (Professor Camaleão, 2020). O que dizem os professores? “[...] sentimento de estar em lugar completo e inspirador, tanto para reflexão pessoal quanto para compartilhar conhecimentos, seja aos alunos ou sociedade [...]” (Professora Cigarra, 2020).

Parece que as escritas dos professores vem apontando caminhos para uma educação emancipatória e de pertencimento junto ao Gaia. E a cada escrita que chega se torna mais evidente que as vivências que acontecem por lá, e com os professores que estão envolvidos, nos aproxima dessa educação que tenta escapar ou buscar por uma autonomia, quiçá, uma “pedagogia emancipatória” que busque por autonomia e que tenta escapar das regras e as subordinações que são imposta por todo contexto social que pertencemos (Corazza; Tadeu, 2003, p.13).

O Gaia nos apresenta possibilidades dessa educação e as idas ao Gaia vai alargando as “fronteiras” para essa educação emancipatória, seja em um passeio em família, um piquenique em um fim de tarde, ou mesmo na partilha de um chá acompanhado de boas conversas... quantas possibilidades nos foram “arrancadas” com a pandemia? “O Gaia é um lugar riquíssimo de diversidades naturais, onde a natureza sorri para seus visitantes [...]” (Professora Joaquina, 2020).

E nesse contexto apresentam-se diversidades de modos de ensinar e aprender, modos de habitar e experimentar “os encontros no Gaia acontecem através da alegria de aprender na alegria

pela descoberta [...]” Professora Vaga-lume, 2020), assim, o Gaia parece trazer novos ares para os pulmões, um longo e profundo respirar, talvez... Mas como viver tudo isso agora sem poder ir lá? Parece que a vida agora precisa continuar a acontecer de outros modos, talvez modos a serem inventados, modos de habitar, É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo, (Bachelard, 1993, p.17)

É para permitir o novo movimento talvez seja necessário tentar lançar-se nesse universo, que de certo modo, exige-se um distanciamento das próprias formatações. Um desnudar-se para ver outras possibilidades que só é possível visualizar com o certo desnudamento. Isso acontece por meio de tentativas, as vezes ocorrem falhas, pois, habitar esse “lugar” é sempre uma experimentação, nada do que é, está posto, “[...] espaço de conhecimentos relacionados a Ciência”, (Professor Camaleão, 2020).

É sempre uma busca frenética que não se sabe o que se busca, esse não saber é que traz esse ar de surpresa e novidade é como o nascer de cada dia não se sabe o que esperar, só experimentando/vivendo para saber “[...] o Gaia Amiga é uma espécie de laboratório Multidisciplinar” (Professora Cigarra, 2020) (Professora Libélula, 2020).

É sabido que o Gaia está emaranhado de possibilidades de aprendizagens, “[...] tem trazido benefício social e ecológico grandioso à população e região”, e que todos os frequentadores se sentem em casa pelo simples fato de poder sentar embaixo de uma frondosa árvore, ou até mesmo por colocarem seus pés nas águas do riacho, riacho que proporciona vida e frescor para o lugar, o Gaia proporciona, “[...] a nascente refrescante nos convida molhar os pés, as formações rochosas aguçam as crianças e as despertam para a invenção, a flora diversificada que encanta os olhos, alguns animais de pequeno porte que leva as crianças ao delírio” (Professora Joaninha, 2020).

Assim,

A maneira como está preservado o ambiente adaptado para visita cabe muitas reflexões, seja nas questões ambientais (reciclagem, recuperação de nascentes, preservação de matas ciliares, tipos de solos, diversidades biológicas [...]). (Professora Cigarra, 2020)

O espaço Gaia é um convite para a entrega, entrega para Arte, para conservação, para poesia e para a beleza que “por razões muitas vezes bem diversas e com as diferenças que comportam os vários matizes poéticos, são espaços louvados”. No entanto, vale ressaltar que para experimentar o que é Gaia, enquanto lugar de experiência há que se despir um pouco da adultez. (Bachelard, 1993, p.13).

Todavia, faz se necessário uma permissão interna que convida a habitar verdadeiramente, um habitar para além do que está posto, habitar intrínseco que está ligada ao ser e as suas profundidades. Contudo, permitir-se que o conhecimento escorra por meio das fissuras que vão se apresentando no caminho. O que pode o Gaia em termos de possibilidades de conhecimento e aprendizado? “Podemos trabalhar ali naquele espaço com germinação de sementes, reino vegetal, fotossíntese, transpiração e respiração das plantas, cadeia alimentar, decomposição da matéria orgânica, formação do solo, tipo de rochas, ciclo da água, etc” (Professor Camaleão, 2020).

Há em todos os campos de ensino uma subjetividade que atravessa os muros da cientificidade, apontando para um ensino e aprendizado que potencializem a criatividade e a individualidade de quem se permite adentrar a esse campo de conhecimento. Assim, a ciência da natureza se apresenta como propulsora de aprendizados, sempre respeitando a subjetividade. “[...] talvez seja do lado das ciências “duras” que convém esperar a reviravolta mais espetacular com respeito aos processos de subjetivação” (Guattari, 1990, p.23)

O movimento que acontece entre a subjetividade e aprendizagem nos apresentam como aberturas para tentar fazer ou até mesmo pensar em uma educação aprendizagem que não tem uma “cartilha” a ser seguida, e sim caminhos que vão se apresentando, pois, “o Gaia leva os alunos a refletir sobre o mundo a sua volta, o espaço promove a aprendizagem para além da sala de aula, para além dos portões da escola” (Professora Joaninha, 2020).

Proporcionando momentos de interações e observações que perpassa por todo mecanismo de formatação e que traz abertura para pensar e fazer ciências de modos distintos do que já está implantado na sociedade e que é tida como “certa”. Primeiro que há vários caminhos educacionais, mas vamos nos ater na tentativa de aprofundar no cerne da educação que acontece no Gaia. Uma educação que prioriza o saber do outro, uma Educação para o outro e para si.

Uma educação fora dos moldes implantados pelo sistema educacional rígido institucionalizado como pontua Mottana, (2015, p.8) “uma pedagogia libertária (que também tem) permanece

sempre extramuros, como prática desviante e excêntrica” é quase que um arrombamento do que está posto é um distanciamento descolante do que se espera. Dessa forma, talvez, seja permitido ser atravessado pela ciência que se apresenta no Gaia como diz a professora Cigarra,

[...] no campo das Ciências Biológicas sou atravessada por muitas perguntas surgidas no momento de contato com o Parque: Que pássaro é este? Qual espécie? Qual será a origem de formação dessas rochas? É uma borboleta? Ou mariposa? Uau! um cogumelo! Será que é comestível? Qual espécie dele? Além da diversidade de perguntas, ele fornece sombra, água corrente, música (cantada pelos pássaros e insetos), [...], um ambiente acolhedor, ótimo para recuperar as forças vitais (Professora Cigarra, 2020).

Todavia, as perguntas também provocam movimento um experimentar para além dos parâmetros instituídos, pensar é movimento de dentro, que só é possível experimentar a partir dos atravessamentos externos, exemplo o que pode uma imagem, uma leitura de um bom texto pode causar de movimentos no pensamento, como afirma Vasconcellos, (2005, p.4) “pensar não é o exercício natural de uma faculdade. O pensamento não pensa sozinho e por si mesmo, como também não é perturbado por forças que lhe permaneceriam exteriores. Pensar depende necessariamente das forças que se apoderam do pensamento”.

E para além da ótica de uma ciência “enrijecida” surge olhares para uma ciência de subjetivação e talvez, até uma certa exaltação de uma ciência que não se permite apresentar enclausuradamente. Uma ciência que permite a arte da invenção, e que pede por uma reformulação do que está posto, quem sabe permitir pensar por viés às avessas. A arte é então uma reduplicação da vida, uma espécie de emulação nas surpresas que existem a nossa consciência e a impedem de cair no sono, (Bachelard, 1993, p.17 apud Gatti, 2011, p.3)

Quem sabe esse observar os acontecimentos por uma ótica artística seja uma forma de rebelião, um olhar que permite ver além do que está posto e que faz visitas ao campo da imaginação. “A perfeição nos artesanatos com as suas cores vibrantes representando a diversidade artística, a decoração com reciclagem que deixa mais bonita ainda”, (Professora Joaninha, 2020).

Um deleite, [...] nas questões culturais e históricas, literatura, história da construção do espaço, as novas percepções sobre o espaço no decorrer do tempo” (Professora Cigarra, 2020) onde se permite viagens para além do tempo/espaço, uma proposta que se banha na educação e que para além dos conceitos um envolvimento com o Ser e com o mundo e as imagens. A “marcas impressas ali nas paredes dos ambientes! [...] artes de muitas mãos diferentes! Penduradas nas árvores, pintadas em peças de jardim, em cadeiras e brinquedos! (Professora Libélula, 2020)

Pois, “a imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser” (Bachelard, 1993, p.188). “Esse espaço proporciona as crianças vivenciar experiências concretas e lúdicas que teoricamente aprenderam na escola e ali despreten-siosamente elas vivenciam brincando, contemplando o espaço” (Professora Joaninha, 2020).

Aprendizado que irrompem com modelos instituídos e que permite um passeio pelo ensinar e aprender uma relação que se estabelece a partir do fora. Um fora da escola, um fora de quatro paredes, talvez um dentro quem sabe: dentro da natureza, dentro e dentro de si. “[...] passeio esquivo [...] um pouco de ar livre, uma relação com o fora [...] uma relação com o fora da sala de aula régia; uma relação com o fora da pesquisa régia” (Clareto, 2015, p.2).

Cada detalhe que compõem toda a existência do Gaia são disparadoras de movimentos de uma educação do fora. Uma educação que muitas vezes passa despercebida aos olhos da sociedade, mas que para uma pesquisadora é a chave mestra de um fazer da pesquisa enquanto potência.

Assim, vale acrescentar que nos constituímos pesquisadoras no próprio ato de pesquisar, bem como o educador e educando se fazem no trajeto de sua jornada rumo a um lugar que por vezes não é reconhecido de início, mas que no decorrer começa a fazer todo sentido. “Uma sensação de encantamento que nos atravessa e que nos renova. Cada visita ao Parque Gaia foi diferente, uma sensação diferente, uma história diferente e para os alunos sempre ficou à vontade de repetir o passeio de voltar novamente lá” (Professora Joaninha, 2020).

Portanto, a educação que acontece no Gaia é uma educação que está ligada diretamente com as minorias, uma educação que pretende transformar quem se dispõem em deixar-se permitir experimentar uma metodologia que por muitas vezes busca o caminho menos seguro, caminhos desviantes que fazem do atravessador um motivo a se movimentar.

5. Respire fundo, lá vem poesia... história de vida, história dos contos, encontros...

Inicialmente, trazemos para bailar com as palavras numa tentativa de ensaio de escrita o Larrosa que trata de uma perspectiva ousada: ensaiar o pensamento através da escrita, uma escrita

movente e comovente. Movente e comovente porque move o ser que as escreve e ganha vida a partir dos que as lê. Assim, esse habitar na escrita pode ser um “[...] paradoxal ofício de professor, esse ofício que tem a ver com escrever e fazer escrever, com ler e dar a ler, com certos modos de falar e de ouvir, modos de pensar e de dar a pensar”, (Larrosa, 2004, p.28).

Assim, a educação que se apresenta no Gaia talvez seja uma educação desviante. Uma tentativa de distanciamento dos padrões intuídos, que muitas vezes busca pelo que não visto, mas quiçá esteve sempre presente.

[...] palavras faladas às vezes são levadas pelo vento, mas as escrituras viajam de geração em geração, a atravessam vidas, afetam pessoas por meio da imaginação de um acontecimento elou fatos não vivenciados, mas ainda assim serão tocadas e se permitir transformadas por eles. (Professora Vaga-lume, 2020)

E os modos de olhar para o Gaia são como uma inauguração como uma visita pela a primeira vez. Um permitir ver além do que é visto e que é sentido e que é vivido. Parece que os professores que se lançaram ao desafio se permitiram experimentar isso na carne, na pele e no contrapelo um lançar-se para uma experiência em rizoma, uma experiência de se deixar envolver e se mover e ser tocado pelo acontecimento. Como destacado:

[...] sensação de ficar ali, de fechar os olhos, mas ao mesmo tempo querer ver tudo! (Professora Libélula, 2020).

[...] Gaia Amiga, um lugar onde os corpos podem vibrar junto a alegria da natureza, a Ciência in natura, o vento fresco que envolve o corpo e traz uma sensação de paz [...] (Professora Vaga-lume, 2020).

Falar do Gaia é como falar das borboletas de asas coloridas que sobrevoam a passagem. É falar dos inúmeros clicks que nos levam a borboleta azul, onde de braços abertos pousamos em seu abraço eternizando o momento da visita por lá (Professora Joaninha, 2020).

Assim, essa pesquisa foi se fazendo como um novelo de linhas que fica por dias envolvido em brincadeira de gato que corre, pula e arrasta com o novelo, Deleuze e Guattari, (1995, p.36) afirmam que “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo”.

Rizoma talvez seja uma forma sem forma um começo que não se sabe ao certo onde se encontra, um verdadeiro emaranhado de informações que não se sabe de onde vem, e nem para onde vai, só sabe o que se é, “caminho”. Um lugar tempo de se perder de se emaranhar de se deixar envolver-se. O que pode um rizoma? Quais as facetas do rizoma?

Deleuze e Guattari, (1995, p.16) diz “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas”. Talvez linhas de fuga, linhas desconhecidas e linhas a serem trilhadas. Uma pesquisa que se permite a multiplicidade de atravessamentos onde cada acontecimento tem seu espaço. Pois, nada é certo e nada é errado tudo é uma permissão de experimentação, talvez a procura por algo que não está parametrizado um deslocamento ou descolamento das estruturas formatadoras. Assim, “as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (Deleuze e Guattari, 1995, p.16).

Quase que um pacto que acontece com quem se lança a escrever e pensar sobre os momentos vividos no Gaia. Parece uma conexão de tempos e vidas e natureza que se unem para vibrar e sentir o mesmo poder que a natureza nos leva a sentir, esse momento se torna mais potentes por conta de uma lagarta colorida que habita o Gaia e tem uma mania de ler histórias para os visitantes essa lagarta não olha a idade e nem uma outra característica acho que o único objetivo dela é resgatar as crianças presas em corpos adultos e rígidos pelo tempo e pela dureza da vida.

As histórias que essa lagarta colorida lê tem um poder é quase como uma magia que desperta a alma de muitos já esfacelada pela dor. Nas leituras dessa lagarta colorida que só quer brincar de encantar quem ouve encontra-se pequenos oásis por essas terras áridas que por muito judia e maltrata os seres que parece ainda não estar certo de sua existência o porquê de estar aqui as constantes busca de alma.

A recepção é encantadora, nos recebe sempre com uma história literária, para fazer dormir as crianças e acordar os adultos, atravessadas pela natureza e seus exuberantes encantos (Professora Joaninha, 2020).

Confesso que não passo tanto tempo lá e que minhas visitas geralmente são para ver a Léo, mas ver o Gaia me faz ter forças e vontade de aprender a como alargar espaços para que eles sejam habitáveis e as pessoas se sintam à vontade para habitar (Professora Formiga, 2020).

Todas as vezes que passo pelo Gaia me surpreendo com suas conquistas. Também fico feliz por ver tanta gente e me emociono pelo modo como a Léo conhece cada um/a e participa de tantas vidas e histórias que se tocam e se afetam no Gaia Amiga. (Professora Formiga, 2020).

Desse modo, a proposta é, uma proposta de fé no imaginário, um movimento de vida que vibra, prática que transborde potência e interação que permite ir da Arte a Matemática, Filosofia a Ciências e dança... isso dá indício de uma educação Arte, uma educação para Arte, onde o valor primordial é o aflorar do ser em sua individualidade. *“Não sei quais dos hormônios foram ativados: endorfina, dopamina, serotonina e ocitocina, só sei que a felicidade tomou conta de mim”* (Professora Libélula, 2020).

Um completo estado de poesia que toma o ser que se lança a incorporar a arte, a história, as palavras, a poesia. Por instantes a magia se faz presente, as crianças são convidadas a dançar, a brincar independente se tem cem anos ou dois, todos vão para o mesmo lugar onde nasce a poesia e as possibilidades. *“[...] deve-se reconhecer que a poesia é um compromisso da alma”* (Bachelard, 1993, p.5). *“Ir ao parque renova as energias, traz uma tranquilidade na alma [...]”* (Professor Camaleão, 2020).

Era possível vislumbrar aquela imagem vista nos meus pensamentos no calor de uma tarde de domingo personificada ali diante dos meus olhos, como um milagre! (Professora Libélula, 2020)

Confesso que conhecer o Gaia Amiga representou para mim um pouco de esperança, pois sinto em Rolim de Moura muita aridez, tanto do ponto de vista do respeito e conexão da cidade com a natureza, como com a promoção de espaços e atividade que visem o bem-estar da população. Isso me deixa muito triste e angustiada [...]. (Professora Formiga, 2020)

Temos uma escassez imensa de espaços assim aqui na região, que eu conheça só o Gaia. (Professora Formiga, 2020)

Nesse lugar Gaia campo de fomento de aprendizagem para além da sala de aula o conhecimento não busca permissão para habitar, ele só habita. Esse habitar de conhecimento revela também que o conhecimento não necessariamente precisa ser algo institucionalizado, mas pode ser liberdade que vive e habita as crianças. *“Como criança, é possível exercitar o deslumbramento com os mistérios do mundo, brincar livremente com o inominado, compor-se com o princípio da vida, com tudo que inaugura o mundo, inventar poesia [...]”* (Baseio, 2011, p.2) *“[...] convidando Barros a conversa, o Gaia Amiga é um “Achadouros”, achadouros de Ciências, achadouros de infâncias, achadouros de vida vibrante”* (Professora Vaga-lume, 2020).

Sempre é tentativa de “embarque” na aventura de aproximar das possibilidades da educação que acontece no Gaia é necessário ativar as antenas da imaginação, pois, assim pontua Bachelard, (1993 p.13) *“a imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que queremos explorar”*. Talvez seja um dos exercícios mais complexos a se fazer pois, exige desprendimento, e o adulto quando já se distanciou da infância talvez sinta essa dificuldade de se entregar a experiência, entregar não no sentido pejorativo mais sim um permitir ficar com o que é.

No Gaia Amiga até mesmo as folhas secas brincam com os visitantes. As águas da pequena cachoeira comportam os peixinhos em sua lenta mansidão. As árvores pedem abraços aconchegantes, lá o ar é mais puro, o ar cheira frescor, talvez de flores, a água que bebemos lá tem sabor de infância, lá o espaço é crianciera, os adultos voltam a ser criança novamente. (Professora Joaquina, 2020)

[...] Gaia é para mim o sinal de que é possível a construção de um mundo melhor, ainda que ele comece pelo quintal de casa. É nesse ponto que a esperança parece se manifestar e o espaço Gaia tem essa representação para mim, como um pequeno oásis no meio de um deserto imenso, árido, quente e vazio. (Professora Formiga, 2020)

Desde que cheguei em Rolim de Moura demorei bastante para encontrar espaços comunitários preocupados com o bem-estar das pessoas e que não fossem restaurantes, ou supermercados. (Professora Formiga, 2020)

Só sei que é um espaço que nos remete não a local, de passagem, mas um espaço que nos causa sentimento de lugar! [...], de pertença, tesouro escondido na cidade [...]. (Professora Libélula, 2020)

Esse lugar parece ser o ar dos pulmões exalando poesia, confesso tentei escrever poesia distante da criança. Tive uma agradável surpresa que me pareceu ser impossível desvincular a criança da poesia. Parece que é por intermédio da criança que habita a escritora que se torna possível escrever sobre quase tudo talvez a poesia seja da ordem da infância da ordem da permissão um deixar habitar infante. *“Por isso a criança empresta sua voz ao poeta no exercício de fazer nascimento. Interessa-lhe a linguagem da infância, sua efetividade, a gramática intuitiva com a qual cria casamentos inesperados entre imagens e sons”* (Baseio, 2011, p.2).

[...] o barulho suave da água de um riozinho menino, como diria Barros “um vidro mole”, habitado por serzinho igualmente infantis. (Professora Vaga-lume, 2020)

“Riozinho faceiro que espalha os raios do sol que cobre todo, com sua majestade e carinho, com cuidado por nutrir cada planta, plantinha, flores”. (Professora Vaga-lume, 2020)

Esse espaço encanta todos *que os visitam, nos deixa mudo diante de tal beleza, de tal riqueza, de tal diversidade, é um lugar de troca de conhecimento, de lazer e de contemplação.* (Professora Joaquina, 2020)

[...] no Gaia, a vontade é pôr os pés naquela água que sai da gruta! (Professora Libélula, 2020)

O Parque Gaia é *um lugar de encontro com a vida, com serenidade, com a natureza, com os amigos, com a escola, com o saber, encontro com nós mesmos, encontros...* (Professora Joaquina, 2020)

Desse modo, os encontros e movimentos contínuos e frenéticos nos apresentam outras vivências e experiências. Pois, o principal objetivo é olhar para o delineamento que está se estabelecendo e assim propiciar aos convidados e visitantes a melhor experiência possível. Vale ressaltar, que cada ser que por ali habita se sente afetado de maneiras diferentes uns gostam de admirar a natureza outros de escrever sobre os acontecimentos.

Contudo, o habitante que se deixa levar pelo momento da experiência deixa marcas por onde passa, mas também leva consigo as marcas dessa educação. Vale apontar que essa educação por não ter a cobrança ela proporciona prazer de ser experimentada, assim, todos os envolvidos tornam-se experimentadores voluntários. Experimentadores de territórios antes desabitado, mas que a partir do envolvimento acaba por ser preenchido de ensinamentos e de troca de saberes que por muitas vezes vai além das propostas educacionais formais. Mas que tem valores imensuráveis, valores que vão além da compreensão, valores de experiências, um artista na educação e na poesia, valores de vida e para vida.

6. Considerações mesmo que não finais

Essa aventura começou adentrando os portões do Gaia e se emaranhando com vários acontecimentos, atravessamentos, sentimentos, sensações e experimentações de pessoas que se permitiram embarcar nessa viagem. Foi uma caminhada de diferentes possibilidades, tempos de grandes desafios, mas durante a viagem aconteceram momentos de verdadeiros deleites, como encontrar um oásis em meio ao deserto.

Nesse sentido, o espaço em que a pesquisa se inaugurou é um espaço que acolhe todos os que buscam por um aconchego e por um pouco de poesia, o Gaia por si só já propicia esse acolhimento, desde que o visitante esteja aberto para sentir, pois tem muito mais haver com o sentir, respirar, ouvir, se colocar nesse lugar de ativar os sentidos para perceber, e talvez “[...] determinar o valor humano dos espaços de posse, espaços proibidos a forças adversas, espaços amados” (Bachelard, 1993, p.13).

O caminho percorrido passou por vários encontros: encontro conosco mesma, encontro com as difíceis e sinuosas problemáticas que se apresentaram na trajetória a exemplo a pandemia mundial, mas os desafios foi a válvula propulsora para o resultado que se aproximou, todos acontecidos contribuíram para a chegada até aqui.

No caminho surgiu uma grande problemática como ter acesso aos professores que vivencia experiências no Gaia. Depois de muito pensar surge como uma possibilidade – enviar e-mails para as professoras e aguardar as respostas. E durante esse tempo de espera um misto de expectativa e insegurança. Será que vão responder? Será que esse é o caminho? Para obter a resposta teria que esperar e o coração e as unhas já estavam em frangalhos.

Então como uma luz no fim do túnel chega o primeiro e-mail que fez o coração vibrar. Então o e-mail surgiu como uma possibilidade de continuar a caminhada (já que não havia a possibilidade de encontro presencial). Assim, o encontro com os professores por meio de e-mail-carta fez com que esse momento pandêmico ficasse mais abrandado pelo fato de estarmos conversando e discutindo assuntos que aproxima os professores da vivência.

Os autores também foram um dos fatores determinantes para que a pesquisa “andasse” pois, era nos autores que encontrava companhia para as madrugadas sombrias em que as preocupações se sobressaíam ao sono. Os encontros com os autores era quase que um ritual de descobrir as novidades gravadas em páginas, mas que funciona como uma bússola em meio a jornada chamada pesquisa.

Contudo, vale frisar que, a pesquisa foi sim esse lugar de possibilidades, lugar que permitiu pensar e escrever para além dos muros da Universidade e de qualquer limitação por meio de barreiras visíveis. De certo modo, o fazer pesquisa e escrever está condicionada a vencer a resistência que nos encontra a cada manhã.

Pensando desse modo, a pesquisa e a escrita foram um rizoma com várias nuances e facetas que colocou tudo em movimento. Esse movimento passou pelo projeto e se adentrou com a primeira e única visita ao Gaia. E fez surgir como estratégia a escrita de e-mails e resultou em cada palavra gravada aqui.

E assim, a cada e-mail que chegava, vinham carregados de novidades, pois, eram nos e-mail que os professores colocaram suas experiências e vivências para além da sala de aula, as possibilidades de aprendizagem que o Gaia proporciona para os professores e também para as crianças que frequentam o Gaia. E por meio de uma metodologia de experimentação muitos caminhos foram apontados pelos professores.

Assim, o Gaia apresentou-se aqui como potência de aprendizagem por meio de troca de experiências e vivências, o que faz dele um espaço de acolhimento. Ficou evidente também que com as trocas de e-mail, os professores puderam expressar as sensações que os perpassam por estarem por lá, e por frequentarem o lugar, bem como as potências do espaço para o aprendizado dos frequentadores, por ser um espaço de multidisciplinaridade. Pois, naquele espaço é possível estudar os tipos de plantas, insetos, solos, peixes, rocha, e até mesmo as relações interpessoais, pode-se dizer que esse é um espaço de experimentar as experiências e vivências como um rizoma em constante movimento.

Nesse contexto, pode-se considerar que essa parece uma pesquisa rizoma pois ela não começa do zero ela não tem um ponto de partida e sim o ponto de envolvimento “[...] uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (Deleuze e Guattari, 1995, p.36).

Deste modo, a pesquisa se faz rizomaticamente, pois, entramos na pesquisa com conhecimentos e atravessamentos que potencializam na jornada de pesquisar. Juntando todos esses elementos que podem ser chamados de rizoma são elementos necessário para infinitas possibilidades tanto para estudo, quanto para pesquisa, para escrita e para a vida.

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu financiamento externo.

Conflitos de interesse: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

1-Bianca Santos Chisté: Conceitualização; Metodologia; Validação; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – Revisão e Edição.

2- Catiane Monteiro Pacheco Souza: Conceitualização; Curadoria de dados; Análise formal; Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Redação – rascunho original.

Referências

- Bachelard, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- Barros, Manoel de, 1916. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- Baseio, Maria Auxiliadora Fontana. Literatura e Imaginário: o sagrado em Manoel de Barros. *Ciberteologia* (São Paulo. Edição em Português), v. VII, p. 55-66, 2011.
- Clareto, Sônia Maria. ROTONDO, Margareth Sacramento. Experiências no labirinto: linguagens, conhecimentos e subjetividades. *ZETETIKÉ*, FE – Unicamp – v. 18, Número Temático 2010.
- Corazza, Sandra Mara. Para artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. *Revista Educação*, São Paulo – SP. v. 6, p. 68-73, 2012.
- Corazza, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. *Composições*. São Paulo: Autêntica, 2003.
- Deleuze, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.
- Gatti, Fábio Luiz Oliveira. Bachelard, Escher e o sujeito-artista: alianças espaciais para a ação criativa artístico contemporânea. *Revista Ohun*, v. 5, p. 1-13, 2011.
- Guattari, Félix. *As três ecologias* / Félix Guattari; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- Larrosa, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar –se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação & Realidade*, 2004, UFRGS - Porto Alegre – RS.
- Oliveira, Thiago Ranniry Moreira de. PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, | v. 23, n. 3 (69) | P. 159-178 | set./dez. 2012.

Oliveira, Marilda Oliveira de. MOSSI, Cristian Poletti. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014.